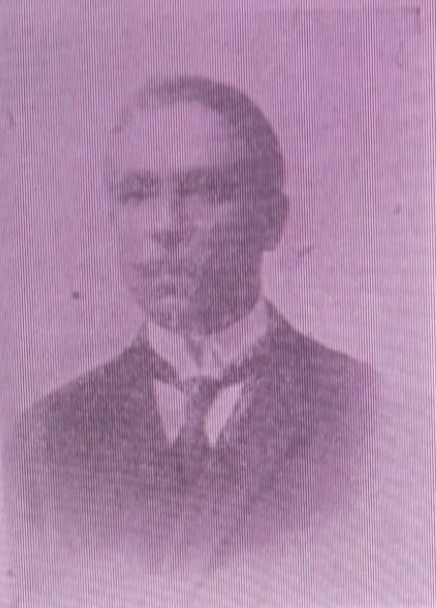


O movimento d'os Africanos



Dr. Miguel Machado

Está-se produzindo um curioso movimento de organização dos negros da África portuguesa. Ao iniciar-se, há já alguns anos, despertou uma certa estranheza e chamou a atenção dos poderes públicos, por nêle suspeitarem uma tendência separatista que chegasse a comprometer a unidade nacional. Porém, que podiam fazer na África os indígnas que fôsse além duma tentativa de revolta prontamente abafada? A reflexão sôbre a importância duma raça durante séculos subjugada, incapaz de gerir de repente os seus destinos, como nacionalidade independente, tranqüilizou os governantes e êstes conservaram-se numa atitude de expectativa.

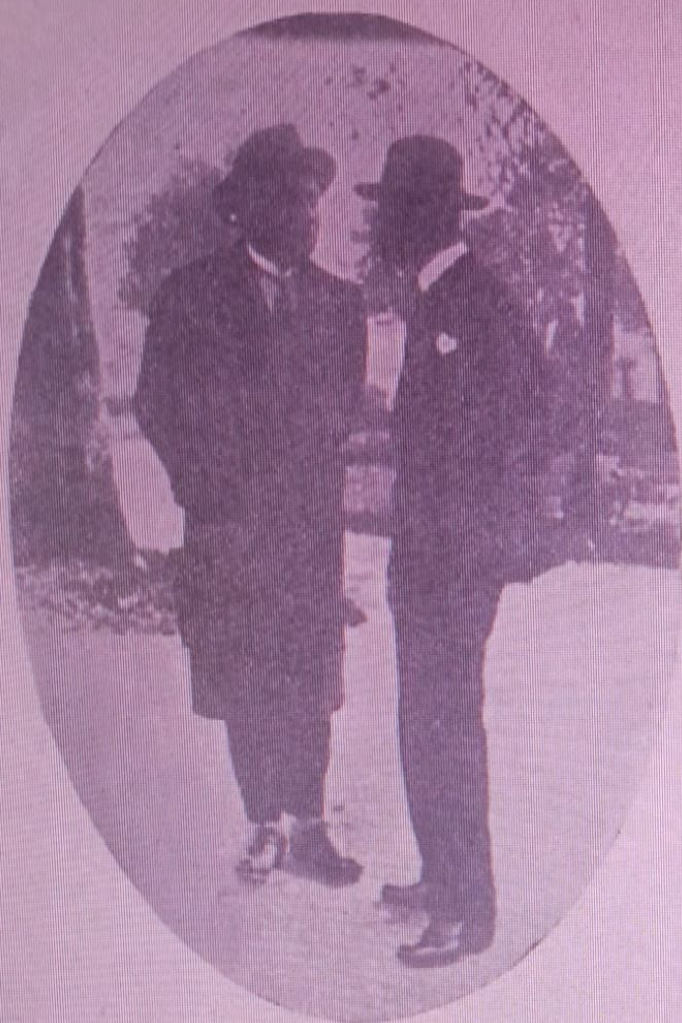
Que queriam os negros, que reclamavam êles? Um pouco mais de liberdade de ação e o reconhecimento duma igualdade de direitos que deveria, ao que se lhes afigurava, ser uma resultante imediata da proclamação do regimen democrático em Portugal. Fundaram as suas associações, criaram em muitas terras africanas co-

missões de defesa dos direitos dos indígenas, ligaram-nas entre si, estabeleceram mesmo comunicações entre as populações das várias províncias que têm constituido o domínio dos portugueses em África e acabaram por alimentar a aspiração de cooperar com os brancos em toda a obra de interesse geral para o país. Longe de pretenderem separar-se, pois, de Portugal, a sua attitude foi precisamente a de, pelo contrário, almejam integrar-se na nação como cidadãos, reclamando-o como um direito que nem todos os portugueses, mesmo alguns que se dizem mais penetrados do espírito de completa emancipação humana, lhes reconheciam.

Chegou um momento em que ia dar-se a manifestação decisiva, por parte dêsses elementos que poderiam ser motivo de inquietação e dissabores para as classes ricas, para as quais a África é um dos meios de aumen-



D. Maria d'Alba Teixeira
Vice-presidente da Liga das Mulheres Africanas



Dr. João de Castro e Mário Domingues

tarem a sua fortuna. Havia-se constituido a Sociedade das Nações e os negros reclamavam ser por ela ouvidos. Queriam, em harmonia com o pacto internacional estabelecido, enviar a Genebra uma deputação.

Pouco tempo antes desencadeara-se a campanha dos chocolateiros, que chamavam a atenção do Mundo para opressões, irregularidades, banditismos que êles diziam se praticavam contra os negros das colónias portuguesas, sobretudo os de S. Tomé e Príncipe, *onde se produzia o melhor cacau* que tão necessário lhes era para o seu magnifico e saboroso chocolate, que, algum dia sem ele, nunca mais poderá ser nem magnifico nem saboroso. Que fariam pois os negros junto da Sociedade das Nações? Apro-

veitariam o ensejo para, na atmosfera de desconfiança criada contra a administração portuguesa, falarem dos seus protestos, reclamarem autonomia administrativa? Pelo sim, pelo não, ou talvez apenas em virtude da natural morosidade das coisas burocráticas, os passaportes só poderam ser obtidos tardiamente e a deputação não pôde chegar a tempo de na secção respectiva, se fazer ouvir.

Dessa deputação faziam parte e chegaram a estar em Genebra os drs. João de Castro e Miguel Machado. Se não poderam colaborar oficialmente com a conferência, conseguiram contudo fazer conhecidas as suas opiniões e influir no espírito dos delegados dos outros países, que naquelles dois homens de côr, ilustrados e conscientes, viram as pessoas mais autorizadas para falarem em nome dos negros e apresentarem o relatório das suas queixas e reclamações, se queixas e reclamações tinham a fazer. E o que êsses dois homens fi-

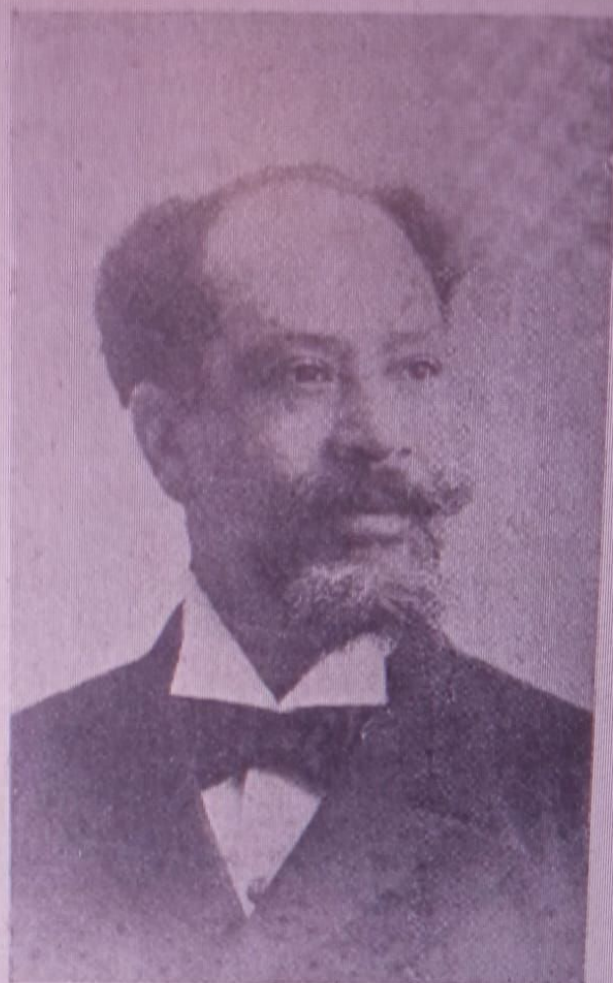


Dr. Borja Santos

zeram e a ação que exerçeaam foi a de anular a campanha tendenciosa e interessada dos homens do chocolate.

Mas, regressados a Portugal, nem por isso deixaram tanto êles como a numerosa falange dos militantes da causa negra, de trabalhar para elevarem os outros negros até ao nível jurídico dos demais portugueses. E caíram, como era de prever, no inevitável processo, copiado de metrópole, da criação dum partido político.

De que força dispõem, que representa esse partido como organização da raça negra? Não sabemos. É muito possível que, como todos os partidos, a actividade partidária se resuma a meia dúzia de discursos, umas representações ao governo, um ou outro protesto e que a grande massa permaneça amorfa e indiferente. Mas há a constatar o facto de terem tido já representantes no parlamento e, nas eleições do ultramar, darem sem-



Marcos Bensabat

Principal organizador da Junta de Defesa dos Direitos de Africa



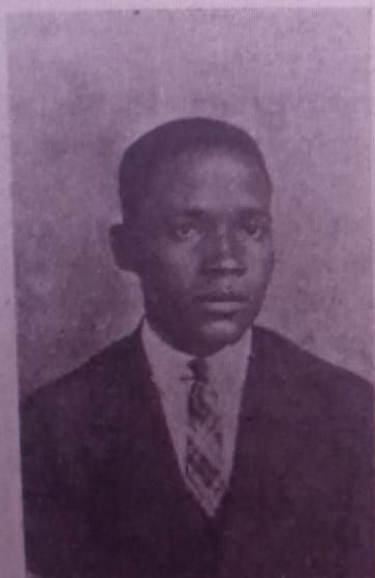
D. Maria Nazareth Ascenso
Secretária da Assistencia do P. N. A.

pre bastante que fazer aos mais habéis eleicoeiros que da metrópole para a Africa importaram todos os trucs com que se vencem eleições, o que os não impede de as perderem algumas vezes.

Está agora para se reunir outra conferência da Sociedade das Nações. Nela se vai discutir a questão dos mandatos e internacionalização das colónias, de que o Labour Party, hoje senhor do governo da Inglaterra, é um dos partidários, a questão, que pode revestir um aspecto grave, do trabalho obrigatório, sobre que o capitalismo internacional, de olhos postos nas ricas regiões africanas, tanto tem

espéculado. A intervenção dos negros fazendo, perante a Sociedade das Nações, a afirmação de que nada querem com mandatos internacionais e que, a terem de aceitar a subordinação de qualquer nação, preferam continuar como estão, não pode deixar de ser considerada neste momento muito oportuna, por não ser indiferente para as populações que habitam Portugal continuarem a manter contacto com as populações indígenas africanas, tendo a possibilidade de tornar no futuro as suas relações mais fraternais?

E não será também lógico que se faça a sério o chamamento das actividades dos indígenas da África atribuindo-lhes a eles e não a europeus a laboração das terras, a produção industrial, ficando apenas ao branco a função que lhe é natural, a de ser intermediário para a colocação dos produtos em todo o Mundo? Pouco nos importam os direitos políticos que se lhes atribuam, direitos sempre ilu-



Euripedes Rodrigo da Costa



José Jorge

sórios mesmo para os brancos, mas já não pensamos o mesmo sobre a situação económica, pois sendo eles, os negros, os produtores da maior parte da produção na África, não é justo que, com o pretexto dum direito de propriedade atribuído a qualquer branco, este tenha a possibilidade de explorar o produtor, enriquecendo à sua custa e conservando aquele na miséria.

Este artigo é ilustrado com os retratos de algumas figuras mais representativas do movimento dos africanos e fazemo-lo para que o leitor avalie da importância deste e se habitue a considerar como seus irmãos, que bem o merecem, todos esses povos que estão contribuindo, na medida das suas forças, para o desenvolvimento económico da África, que pode ainda um dia, quando o operariado em todo o Mundo se emancipar da tutela capitalista, reverter em benefício geral.

EXPLICAÇÃO CIENTÍFICA DAS **Curas do Dr. Assuero**

Edições *Spartacus*

Depósito: Sociedade Comercial Portuguesa de Publicações e Telegrafia, Lda - Largo de S. Domingos, 11 - LISBOA.